

A SEDUÇÃO PELO EXOTISMO NAS *HISTÓRIAS* DE HERÓDOTO. CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DOS PRIMÓRDIOS DO TURISMO*.

Carmen Soares
Universidade de Coimbra

RESUMO

Este estudo pretende ser um contributo para o conhecimento do fascínio dos Gregos do séc. V a. C. pela viagem. Uma das fontes mais ricas para o estudo desta temática são as *Histórias* de Heródoto, abundantes em pormenores etnográficos dos povos exteriores à Hélade, os Bárbaros. Por essa razão, julgo também lícito chamar a Heródoto Pai do Turismo, propondo uma breve reflexão sobre quatro aspectos geralmente incluídos em qualquer roteiro turístico: 1. geografia e clima; 2. retrato físico da população; 3. alimentação; 4. aspectos culturais originais.

ABSTRACT

The main aim of this paper is to help us appreciate better the fascination that the Greeks of the 5th century B.C. had for travelling. One of the richest sources for the study of this theme is the *Histories* written by Herodotus. His work contains an abundance of ethnographic data of the people exterior to Greece, the so-called Barbarians. For this reason I think it is fair to say that Herodotus is also the Father of Tourism. I intend to discuss four aspects normally included in any tourist guide: 1. Geography and climate; 2. A portrait of population; 3. Food; 4. Original cultural traits.

O meu interesse pela temática do turismo no Mundo Antigo resulta do facto de, ao longo da última década, me ter dedicado ao estudo de um autor grego conhecido, desde a própria Antiguidade, pelo cognome de Pai da História. Claro que, pelo carácter pioneiro das suas ‘investigações’ (ou, como ele lhe chama, *historiai*), podemos atribuir-lhe outras denominações: Pai da Etnografia, Pai da Geografia, Pai do Estudo Comparado das Religiões. A esta lista atrevo-mo a acrescentar outro título: Pai do Turismo. A minha proposta não constitui, aliás, um acto particularmente ousado, uma vez que vários são os comentadores

* Foi apresentada uma versão em francês deste estudo no âmbito do 4^{ème} Festival Européen Latin Grec (4-6 Abril 2008), realizado em Nantes (França) e no qual se abordou o tema “*Tourisme et patrimoine – sources antiques*”.

modernos que já chamaram a atenção para o facto de o gosto de Heródoto pela descrição dos “Outros”, os chamados Bárbaros, ter sido estimulado por viagens que realizou a terras estrangeiras¹.

Escritas para um público grego, as *Histórias* revelam o seu objectivo logo nas primeiras palavras do texto:

Esta é a exposição das investigações de Heródoto de Halicarnasso, para que os feitos dos homens se não desvançam com o tempo, nem fiquem sem renome as grandes e maravilhosas empresas, realizadas quer pelos Helenos quer pelos Bárbaros; e sobretudo a razão por que entraram em guerra uns com os outros.²

Da análise dos diversos contextos em que aparecem o adjectivo ‘maravilhoso’ ou o substantivo ‘maravilha’, ficamos a saber que podem ser chamados ‘prodígios’ as tradições, a natureza, os homens e os objectos que aos olhos de um Grego aparecem como diferentes da sua própria realidade e que, por isso, podemos qualificar de ‘exóticos’. O autor, natural de Halicarnasso, actual Bodrum (na Turquia), convivia de perto com a outra parte do mundo, a Ásia, que, segundo a voz corrente na época, correspondia à terra habitada pelos povos bárbaros, ao passo que a Europa, de que fazia parte o mundo grego, formava um bloco cultural distinto (1. 4. 4). Descrever os particularismos de um cosmos geográfico e cultural distinto constitui, sem dúvida, uma forma de manter viva a atenção dos leitores ou ouvintes da obra³. Ao mesmo tempo, as descrições pormenorizadas e extensas, que são fornecidas sobre o relevo, o clima, os usos e costumes das populações locais, vão sendo acompanhadas por relatos extraordinários sobre aspectos que, nos modernos guias turísticos, correspondem a atracções locais, que impõem uma visita, ou a lendas, mais ou menos fantásticas, destinadas a aguçar a curiosidade dos potenciais visitantes.

O que proponho é que consideremos alguns dos traços de exotismo que atravessa a extensa obra de Heródoto. Por uma questão de maior clareza expositiva, decidi centrar-me em quatro pontos, que quase sempre fazem farte de um roteiro turístico (seja ele antigo ou moderno): 1. geografia e clima; 2. retrato físico da população; 3. alimentação; 4. aspectos culturais originais.

¹ Sobre as viagens de Heródoto, vd. REDFIELD (1985), IMMERWAHR (1985) 426, WATERS (1985) 25-7, MILLER (1997) 105-8.

² Tradução de José Ribeiro Ferreira, in FERREIRA (1994: 53).

³ A propósito do público das *Histórias*, leia-se FLORY (1980) e MOMIGLIANO (1978).

1. Geografia e clima

Em todos os relatos etnográficos que integram os livros 1 a 5 das *Histórias*, a descrição dos lugares e do clima surge como rubrica obrigatória. Desse vasto conjunto de referências que Heródoto tece sobre a questão, parece-me adequar-se ao tema que abordo – isto é, a questão do carácter extraordinário do mundo bárbaro – o caso do Egípto⁴. Sobre o lugar, o autor procura definir os seus limites, que o fazem confinar com a Líbia e a Arábia, e apresenta o grande rio Nilo, com os seus vários braços e toda a região do Delta. Particular fascínio exerce o ciclo do caudal do rio. Na verdade, quando comparado com a realidade que os Gregos conhecem, o maior dos rios revela-se um verdadeiro ‘prodígio’. As razões para tal exotismo residem no facto de, no Verão, se registarem cheias, ao passo que, no Inverno, as águas baixam. Além disso, *era o único de entre todos os rios a não apresentar brisas* (2. 19. 3). A explicação lógica para esse fenómeno, segundo o historiador, está em que o Nilo tinha *uma natureza ao contrário da dos outros rios* (*ibidem*). Tal como atestam textos médicos da época, acreditava-se na influência do clima e da geografia no modo de vida das populações⁵. Também Heródoto reconhece importância a esse princípio do determinismo ambiental, conforme podemos constatar a propósito não só dos Egípcios, mas também dos Gregos. Sobre os primeiros, escreve o autor que:

Os Egípcios, juntamente com o clima diferente que lhes é próprio e a natureza diversa que apresentam os seus rios por comparação com os restantes, adoptaram, regra geral, inúmeros usos e costumes ao contrário dos outros homens.

(2. 35. 1-2)

Diz-se, ainda, que se deve a factores de ordem meteorológica a causa para a saúde proverbial do povo das terras do Nilo. A ausência de oscilações climáticas entre as várias estações é que explica que lhes seja reconhecido o estatuto de *os homens mais saudáveis de todos, a seguir aos Líbios* (2. 77. 3; 4. 187).

Quanto aos Gregos, à pobreza do seu território atribui-se a motivação para desenvolverem um temperamento lutador, que, por sua vez, leva à busca incessante da excelência ou mérito (7. 102. 1).

⁴ Os estudos mais completos e detalhados sobre o livro II de Heródoto continuam a ser os de Lloyd (1975 e 1976).

⁵ Aliás, a primeira expressão científica do determinismo ambiental surge no tratado hipocrático *Ares, Águas, Lugares* (caps. 12-24).

Já um povo como os Citas, antepassados dos actuais Ucrânios, podia continuar a ter um modo de vida há muito abandonado pelos Gregos, o nomadismo, graças às condições naturais da sua terra. Um território plano, bem irrigado e arborizado criava boas pastagens para o gado; uma natureza rica – favorecida por um enorme rio, o Borístenes (ou actual Dniepre) – oferecia aos homens frutos, animais e plantas em abundância, bens que garantiam a sua subsistência (4. 53. 2).

Claro que o fascínio de um Grego por territórios longínquos e desconhecidos se fica a dever em grande medida ao facto de nessas paragens distantes (inatingíveis para muitos) poder encontrar condições naturais de tipo paradisíaco. Regiões como a Babilónia, na Ásia, e Cínipe, na Líbia, distinguem-se pela abundância da sua produção cerealífera – bem tão escasso ou de fraca produtividade no solo heleno! Sobre a Babilónia escreve o historiador que:

Esta é, de todas as regiões que conhecemos, de longe a melhor para a produção de cereais. Quanto a outras espécies, de tipo arbóreo, por exemplo – figueira, vinha, oliveira – nem mesmo se faz qualquer tentativa de produção. Pelo contrário, para a cultura de cereais a região é, de facto, tão fértil, que produz, de uma forma geral, na ordem dos duzentos por cento e, em casos especiais, dos trezentos por cento. As folhas do trigo e da cevada atingem aqui facilmente quatro dedos de altura. O milho e o sésamo tornam-se arbustos de que não vou indicar o tamanho, porque tenho consciência de que, para quem nunca esteve na Babilónia, já mesmo as minhas afirmações a respeito dos cereais podem parecer totalmente inacreditáveis⁶.

(1. 193. 2)

Imagine-se, então, como seria Cínipe, que tinha uma produção três vezes superior à da Babilónia! (4. 198, 2-3) Sem sair do continente africano, Cirene destaca-se por ver prolongada, por dois terços do ano, a estação das colheitas (4. 199). Os minérios, ontem como hoje, constituem uma fonte de riqueza muito desejada pelos Homens. É nos extremos orientais e ocidentais do mundo conhecido que vamos encontrá-los em abundância: o bronze (entre os Masságetas, também eles membros da etnia cita; 1. 215. 2), o estanho e o âmbar amarelo (na Europa ocidental; 3. 115. 2) e, o mais cobiçado de todos, o ouro. Este último vem documentado por Heródoto como um bem comum a numerosos povos: os Lídios (1. 93. 1), os Masságetas (1. 215. 2), diversos Indos (3. 98. 102 e 106), os Etíopes de Longa Vida (3. 114), os Europeus dos extremos ocidentais (3. 116. 3) e os Líbios, mesmo os situados para lá das Colunas de Hércules (4. 195. 2 e 196).

⁶ Tradução de Maria de Fátima Silva, in FERREIRA (1994: 188-189).

Mas o historiador não se limita a identificar os locais em que há abundância do tão apetecido metal. Em dois passos distintos, o ouro serve para acentuar o carácter exótico dos respectivos povos. Entre os Etíopes de Longa Vida, fica o público a saber que o ouro não é tido como um bem precioso, pois só assim se explica que fosse usado para fabricar as grilhetas com que amarravam os presos (3. 23). De facto a matéria mais rara e preciosa para este povo era o cobre, não o ouro! Esta indiferença em relação ao ouro constitui, como se sabe, uma marca do retrato estereotipado do Bom Selvagem⁷. Acrescente-se ainda sobre os Etíopes de Longa Vida que essa imagem de seres únicos vem reforçada no texto por duas informações relativas à sua constituição física. Na aparência assemelhavam-se mais aos deuses do que aos homens, sendo por isso qualificados de *os homens mais altos e esbeltos que existem* (3. 20. 1 e 3. 114). Por sua vez, os banhos em águas lustrais da região conferiam-lhes uma longevidade proverbial, que os levava a atingir, na sua maioria, os cento e vinte anos de vida (3. 23. 2-3). Dos Arimaspos, uma população do norte da Europa, situada na região dos montes Altai, narra o autor a forma fantástica dos seus corpos, bem como a maneira extraordinária que usam para recolherem o ouro (3. 116). São eles indivíduos de um só olho – o que, no imaginário grego, evoca as figuras lendárias dos Ciclopes. Quanto ao ouro, obtêm-no através do roubo a grifos – também eles animais híbridos, pertencentes ao universo dos seres fantásticos. Daí que Heródoto conclua o relato sobre os Arimaspos observando que:

Mas de facto os confins do mundo, que circundam o resto da terra, fechando-a no seu interior, parecem ser as regiões que possuem as coisas que nos parecem mais belas e mais raras.

(3. 116. 3)

2. Retrato físico da população

Para além dos tradicionais traços distintivos – como são a cor do cabelo e da pele – atraem a atenção do público as formas exóticas de arranjar o cabelo e de pintar a pele. É em África que o autor encontra

⁷ Sobre este assunto, vd. ROSELLINI (1978). Eu própria já tive ocasião de, recentemente, apresentar uma reflexão mais demorada sobre a temática em apreço, no âmbito do Colóquio integrado na X Semana Cultural da Universidade de Coimbra, intitulado *Utopias e Distopias* (6-7 Março de 2008), através da comunicação “Bons Selvagens e Monstros Malditos em Heródoto e Eurípides”.

os exemplares mais originais à luz da realidade grega. Embora familiarizados com a pele negra e os cabelos fortemente encaracolados das populações locais, como atestam vários vasos⁸, os Gregos ficariam certamente fascinados com o hábito dos Máxies e dos Gizantes, duas tribos líbias, de pintarem a pele de vermelho (4. 191. 1 e 4. 194). No que se refere aos penteados, as variantes que desfilam perante o olhar da imaginação do público despertariam, por certo, um fascínio natural pelo desconhecido. Há quem deixe crescer uma crista de cabelo, dividindo a cabeça em duas partes rapadas (os Macas, 4. 175. 1); outros apresentam-no comprido apenas na região occipital ou na frontal (os Máclies e os Áusees, 4. 180. 1); podem ainda deixá-lo crescer do lado direito e rapá-lo do esquerdo (os Máxies, 4. 191. 1).

Se ao exotismo quisermos associar um exemplo de sofisticação, os Babilónios correspondem perfeitamente a semelhante padrão. A longa cabeleira usam-na presa com uma mitra. Como sinais exteriores de sumptuosidade exibem uma veste composta por três peças (uma túnica de linho, até aos pés, sobre a qual colocam outra de lã, e ainda um manto branco), um selo e uma bengala com um emblema distintivo. A juntar a tão elaborado traje, temos ainda a utilização abundante de perfumes, que espalham por todo o corpo (1. 195. 1). O reverso de tamanha sofisticação encontramos-lo na forma de vestir, simples e até um pouco primitiva, das gentes das longínquas regiões pantanosas do Indo, situadas nos extremos da Ásia oriental. Aproveitando a riqueza natural da sua terra, usam trajes feitos de junco. Para que os Helenos melhor visualizem a aparência de tão estranha peça de vestuário, Heródoto compara-a a uma couraça (3. 98. 4).

3. Alimentação

No dia a dia, os Gregos tomavam refeições frugais. Guardavam o consumo de carne para os dias festivos, em geral no âmbito dos banquetes oferecidos aos deuses. A bebida de eleição para acompanhar as refeições era o vinho, mas que se devia beber sempre diluído em água⁹. Povos que têm por base alimentar a carne e o leite simples

⁸ Um dos mais conhecidos, datado dos inícios do séc. V a. C., com a forma de cabeça de negro, encontra-se publicado no livro de Molyneaux (1997: 147).

⁹ Sobre a alimentação na Grécia antiga, recomendamos os estudos de CHANTAL (2007), WILKINS (2006), GARNSEY (1999) e DALBY (1996).

encarnam o padrão do bárbaro nómada e não civilizado. Não é, portanto, de estranhar que as designações ‘comedores de carne’ e ‘bebedores de leite’ correspondam, aos olhos do Grego, a autênticos rótulos do exotismo bárbaro, atribuídos a Masságetas (1. 216. 4) e Líbios (4. 186. 1). Mais estranho do que fazer da carne o prato principal, é a prática do consumo de peixe e carne crus, como é o caso de povos remotos da região do Indo (os Indos sedentários, 3. 98. 3; e os Indos nómadas ou Padeus, 3. 99. 1). Não menos exótica é a cozinha dos Etíopes trogloditas (que inclui diversos tipos de répteis, como cobras e lagartos – 4. 183. 4) e a de algumas tribos líbias (onde entram macacos e vários insectos, cf. 4. 172. 1 e 4. 194). Mas Heródoto é também capaz de pronunciar a mais severa condenação de uma prática alimentar que atenta contra a integridade humana: o canibalismo. Sobre os nómadas líbios conhecidos por Andrófagos (etnónimo que à letra significa ‘comedores de homens’) diz o historiador que *de entre todos os homens são os que possuem os mais selvagens costumes* (4. 106).

Todavia, não pense o leitor ou ouvinte contemporâneo de Heródoto, um potencial turista, que fora da Grécia só se comem pratos esquisitos. O povo bárbaro com que contactava de mais perto, o persa, representa um luxo e requinte que podem fascinar qualquer Grego comum. Nas refeições comemorativas dos aniversários, havia o hábito de comer numerosas sobremesas, não no final da refeição, mas intercaladas com os pratos principais. Como se lê no texto, em tom de graça:

É por isso que os Persas afirmam que os Gregos deixam de comer ainda com fome, pois a seguir à refeição não lhes servem nada que mereça referência. Mas, se lho servissem, não deixariam de o comer.

(1. 133. 1-2)

Porém, boa parte do fausto dos banquetes orientais resultava do ambiente em que este era servido. De facto, quando, no rescaldo da batalha de Plateias, os vencedores helenos procedem ao saque do acampamento persa, descobrem tendas, mobiliário e serviço de mesa em cujo fabrico se utilizaram o ouro e a prata (9. 80-81). Para um Grego natural de Esparta, educado sob o princípio da austeridade, como era o caso do general Pausânias, aquele aparato só podia ser entendido como sinal exterior de um luxo exagerado e excêntrico.

A curiosidade de conhecer o ‘Outro’ não é apenas estimulada pelo exotismo do espaço e das gentes, mas também por aspectos culturais diversos. Acabámos de considerar a alimentação, pois quem viaja quer

sempre saber o que pode comer nos locais que visita. Sendo o público da época, ao que se julga, maioritariamente masculino, escolhi considerar aspectos sócio-culturais que, de um modo geral, suscitam a sua curiosidade: a mulher e o sexo.

4. Aspectos culturais originais

Comecemos por identificar, de forma breve, o padrão social grego, uma vez que é este o dos leitores contemporâneos de Heródoto. Ditavam as leis ancestrais dos Helenos que a noiva casasse virgem, a esposa fosse fiel ao marido e que as suas funções se centrassem em actividades destinadas a garantir a continuação da estirpe (a maternidade) e o bom governo do lar¹⁰. Do marido esperava-se que alimentasse, sustentasse e protegesse a família. Mas o que o receptor das *Histórias* vai encontrar no seio das etnias bárbaras são sobretudo desvios ao seu modelo cultural. Como exemplos mais significativos dessas transgressões indicamos a prática de relações sexuais pré-nupciais, a poligamia, a promiscuidade sexual pós-matrimonial, a realização do acto sexual em público¹¹.

As jovens solteiras da Lídia eram obrigadas a prostituir-se para angariarem o próprio dote (1. 93, 4 e 1. 94. 1). Em relação às raparigas gregas tinham, no entanto, a vantagem de escolherem com quem casar, não dependendo para tal da decisão de um tutor, geralmente o pai. Já os Trácios admitiam uma total libertinagem antes do casamento, mas exerciam um controlo cerrado sobre as mulheres casadas (5. 6. 1). Os Babilónios, por sua vez, tanto recebem de Heródoto um grande elogio, como a mais severa censura. A verdade é que praticam *o mais belo dos costumes* no que se refere ao casamento das suas filhas (1. 196. 5). Ou seja, procedem à venda das noivas. E de que forma o faziam? Reunidas num local público da cidade, as jovens iam sendo sucessivamente leiloadas, começando na mais bela até chegar à menos favorecida ou

¹⁰ Sobre o papel da mulher na sociedade e a sua sexualidade, recomendamos os seguintes estudos: OLIVEIRA (2008), DOVER (2002), McCLURE (2002), BLUNDELL (1999), JUST (1989) e LACEY (1968).

¹¹ Já tive ocasião de desenvolver este tópico no âmbito do colóquio *A sexualidade no Mundo Antigo* (24-26 de Outubro de 2007), realizado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. O estudo apresentado, actualmente a aguardar publicação, intitula-se “Os Gregos e a sexualidade dos *Outros*: o testemunho de Heródoto”.

mesmo estropiada. Desta forma todas as raparigas em idade de casar, independentemente da sua maior ou menor beleza, tinham oportunidade de ser desposadas. Contudo, o mesmo povo que encontrara esta solução brilhante, que poderíamos chamar de verdadeira solidariedade social *avant la lettre*, praticava o *mais vergonhoso costume*: a prostituição sagrada (1. 199). Assim, uma vez na vida, cada mulher tinha que prestar servidão à deusa Milita, divindade correspondente entre os Assírios à deusa do amor, Afrodite para os Gregos. No interior do templo devia aguardar que um desconhecido a escolhesse para se unir a ela, fora do recinto sagrado.

Vejamos agora o que se passa com o número de mulheres que cada homem pode ter. Os Gregos da época podiam casar com várias esposas, mas uma de cada vez, o que conseguiam recorrendo ao divórcio. Já os Persas, senhores do grande império asiático, tinham não só muitas esposas legítimas, como ainda um número mais elevado de concubinas (1. 135). Esta abundância de parceiras espelha, do ponto de vista social, o prestígio do homem. Mas não se julgue que apenas o mérito dos homens é avaliado com base no número de mulheres que possui. Também à luz das tradições de uma tribo líbia, os Gindanes, a excelência feminina decorria do facto de ter sido amada por muitos homens (4. 176). Aliás, semelhante glória era objecto de exibição, uma vez que à volta dos tornozelos era colocada uma correia de couro por cada um dos seus amantes. O contraste flagrante com os valores da sociedade grega não passa despercebido. Basta recordar as vozes que se erguem na épica e na tragédia contra Helena de Tróia (e também de Esparta), apelidada em tom recriminatório de ‘mulher de muitos maridos’ (Ésquilo, *Agamémnon* v. 62). É ainda no contexto dos costumes líbios que encontramos atestado o uso comunitário dos serviços sexuais das mulheres, caso dos Nasamões (4. 172. 2). Aqui a noiva, na noite de núpcias, tinha que deitar-se com todos os convidados, pois só assim, segundo se depreende, teria direito aos presentes de casamento. Também os Masságetas (1. 216. 1) e os Agatirsos (4. 104), ambos vizinhos dos Citas, praticavam o hábito de as mulheres poderem dormir com qualquer homem.

Independentemente de a mulher dormir apenas com o marido ou ser livre para ter quantos parceiros desejasse, o acto sexual, na perspectiva grega, era sempre praticado na intimidade. Situações em que este é praticado em público, i. e., à vista de todos, merecem a

repulsa do historiador, que não se coíbe de considerá-los actos animalescos. É o que sucede entre outra tribo líbia, desta feita os Áusees (4. 180. 5), e entre os distantes Indos (3. 101. 1).

Em conclusão: Heródoto na sua obra oferece aos leitores, entre outras coisas, um fascinante guia de viagens. O que mais lhe interessa destacar são os aspectos exóticos dos espaços e das gentes exteriores à Hélade. Bom conhecedor da psicologia humana, o historiador sabe que são os elementos mais extraordinários do desconhecido aqueles que atraem o público. Assim, graças ao facto de ter abordado questões que ao longo dos tempos sempre têm seduzido os leitores, mais de vinte e cinco séculos após a sua escrita, continuamos a deixar-nos fascinar pelas *Histórias*.

BIBLIOGRAFIA

- BLUNDELL, S. (1999), *Women in ancient Greece*, London.
- BRIANT, P. (1996), *Histoire de l'empire perse. De Cyrus à Alexandre*, Paris.
- CHANTAL, L. (2007), *À la table des anciens. Guide de cuisine antique*, Paris.
- DALBY, A. (1996), *Siren feasts: a history of food and gastronomy in Greece*, London.
- DOVER, K. J. (2002), "Classical Greek attitudes to sexual behaviour", in K. McLURE (ed.), *Sexuality and gender in the classical world*, Oxford, 19-36.
- FERREIRA, J. R. e SILVA, M. F. (1994), *Heródoto, Histórias livro 1º*, Lisboa.
- FLORY, S. (1980), "Who read Herodotus' *Histories*?", *American Journal of Philology*, 101. 1, 12-28.
- GARNSEY, P. (1999), *Food and society in classical antiquity*, Cambridge.
- IMMERWAHR, H. R. (1985), "Herodotus", in EASTERLING, P. E. and KNOX, B. M. W. (edd.), *The Cambridge History of Classical Literature. I. Greek Literature*, Cambridge.
- JUST, R. (1989), *Women in Athenian law and life*, London.
- LLOYD, A. B. (1975), *Herodotus Book II. Introduction*, Leiden.
- (1976), *Herodotus Book II. Commentary 1-98*, Leiden.
- LACEY, W. K. (1968), *The family in classical Greece*, London.
- MILLER, M. C. (1997), *Athens and Persia in the fifth century B. C. A study in cultural receptivity*, Cambridge.
- McCLURE, K. (ed.) (2002), *Sexuality and gender in the classical world*, Oxford.
- MOLYNEAUX, B. L. (1997), *Cultural life of images. Visual representation in archaeology*, London.
- MOMIGLIANO, A. (1978), "The histories of the classical world and their audiences: some suggestions", *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa*, 8. 1, 59-75.

A SEDUÇÃO PELO EXOTISMO NAS *HISTÓRIAS* DE HERÓDOTO.
CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DOS PRIMÓRDIOS DO TURISMO.

OLIVEIRA, F. (2008), “Misoginia clássica: perspectivas de análise”, in SOARES, C. et alii (coord.), *Norma & Transgressão*, Coimbra.

REDFIELD, J. (1985), “Herodotus the tourist”, *Classical Philology* 80, 97-118.

ROSELLINI, M. et SAÏD, S. (1978), “Usages des femmes et autres *nomoi* chez les ‘sauvages’ d’Hérodote: essai de lecture structurale”, *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa* 8. 3, 949-1005.

WATERS, K. H. (1985), *Herodotos the historian. His problems, methods and originality*, London.

WILKINS, J. (2006), *Food in the ancient world*, Oxford.